

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,  
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 12

FORTALEZA, 5 DE JULHO DE 1887.

## SUMMARIO

Expediente ;  
Herbert Spencer.—JOAQUIM MA-  
NOEL SIMÕES ;  
A mor de bardo—J. GALENO ;  
Pestalozzi — J. DE BARCELLOS ;  
Antonia e Alice — R. FARIAS BRITO ;  
O povo á realza.—J. DE SERPA ;  
Historia natural—RODOLPHO THEO-  
PHILO ;  
Exterioridades —MARTINHO RODRI-  
GUES ;  
Carnahúba.—PAULINO NOGUEIRA.  
Nenê—ANTONIO OLYMPIO ;

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Trimestre . . . . .	28000
Semestre . . . . .	48000
Anno . . . . .	88000

#### INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre . . . . .	58000
Anno . . . . .	108000

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facondo 56

## Herbert Spencer

O grande vulto que faz o objecto d'este artigo e que se impõe n'este momento á consideração de todos que não desdenham os assumptos da sciencia e philosophia, transpoz em 2 d'este mez as humbras da eternidade, entenda-se, no espirito e na memoria dos sobreviventes d'esta e das futuras gerações. Profundo foi o sulco que deixou de sua gloriosa existencia, bastante profundo para que seja possível a extincção do seu nome e da sua auctoridade nas luctas porvindouras do pensamento. Ao morrer, isto é, á sua entrada na phase de transubstanciação deve ter sentido (feliz sentimento derradeiro!) a consolação peregrina da immortalidade garantida.

Herbert Spencer, deixando o seu nome tão brilhantemente ligado á revolução philosophica operada no nosso seculo, conquistou essa posição a expensas, quem sabe, de sacrificios sem conta, da abstinencia completa dos multiplos praeeres que constituem o fim primordial da especie. E' veneravel, com effeito, a abnegação que conduz a uma maior somma de progresso, condição vital da humanidade e quão mais veneravel não é esta especie de abnegação do que as dos canonisados do catholicismo que levaram a vida a porfiar por uma chimera, impulsionados pela suggestão egoistica de uma recompensa celete?

Foi um grande homem que tomou perante uma fatalidade biologica mas um «grande homem» como se deve comprehender esta denominação, grande pela sciencia, pela philosophia, pela intelligencia, não «grande» como Bonaparte e todos os Cesares antigos e modernos que só tiveram preocupações odiosas de um engrandecimento irracional, e cuja obra se resume no retrocesso da Humanidade. Este de que fallamos, impõe-se ao respeito de todos porque foi um verdadeiro benemerito, benemerito pelo trabalho sabiamente utilizado, benemerito pelo forte contingente de luz que trouxe a muito cerebro entenebrecido pelos erros accumulados de uma tradição mythomorphica. A benemerencia efficaç e perduravel reside n'aquelle que põe todas as suas potentes faculdades ao serviço do mais elevado ideal—o aperfeiçoamento humano.

E Spencer está indubitavelmente n'este caso: um dos maiores pensadores que o mundo tem produzido, um verdadeiro talento d'eleição, d'esses que a Humanidade ao a custo pode ostentar atravez do seu intrincado condicionalismo, é justo que nos descubramos reverentes diante do seu tumulo onde se encerram os restos de uma organização modêlo, séde de primorosas faculdades. Seja-nos permittido prestar-lhe esta nova forma de culto, aliás a unica compatível com este fim de seculo, aureolado por tantas conquistas pasmosas nos dominios da Sciencia.

Herbert Spencer, nasceu em Derby (Inglaterra) em 1820, tendo portanto completado seu desenvolvi-

mento depois de 1840, quando a grande revolução philosophica moderna já estava iniciada pelo *Curso de Philosophia Positiva* de Augusto Comte, e quando já as sciencias tinham passado por uma grande transformação no sentido experimental, pela collaboração de pacientes e sahios investigadores como Lamarck, Humboldt, Bichat, Darwin e muitos outros. Achou-se pois Spencer quando entrou na vida activa, em face de um meio intellectual já muito avançado; e este facto reunido ás suas tendencias philosophicas, induziu-o immediatamente ao estudo profundo e synthetico de todos os ramos dos conhecimentos humanos, especialmente da Sociologia, do que resultou o seu primeiro trabalho intitulado—o *Equilibrio Social*, que lhe mereceu ser collocado desde logo na primeira file dos philosophos contemporaneos. Aceitando convictamente da *Philosophia Positiva* o que ella tem de fundamental—a experiencia, a observação, a relatividade e a evolução—acham-se todas as suas obras incutidas do espirito positivo, e despeito de uma certa preocupação metaphisica que algumas vezes deixa transparecer, preocupação que é o defeito de todas os positivistas inglezes. D'essa preocupação, que consiste em vagas allusões ao Absoluto, e da qual nunca Spencer conseguiu libertar-se apesar da grande capacidade do seu engenho e que se explica pela especial attenção que os philosophos inglezes desde Locke sempre ligaram ao facto psychologico, d'essa preocupação, dizemos, nasceu uma classificação das sciencias formulada por Spencer, em contraposição á formulada por Comte. Essa nova Classificação occasionou um grande ruido no mundo philosophico e com ella muito especularam os adversarios do positivismo que n'essa reforma pretenderam divisar o desmoronamento da portentosa doutrina. Como era natural, provocou muitas replicas dos discipulos de Comte, que já então fallecera, sendo a principal a de Littré que magistralmente refutou a nova hierarchia scientifica apenas de accordo com a de Comte na parte que diz respeito á Mathematica.

Esta divergençia importante, posto que não fundamental, levou mu-

tos a pôr em duvida a escola de Spencer e, entre outros, Laugel a chamal-o o ultimo dos metaphisicos. embora reconhecessem que suas obras se resentiam essencialmente da influencia positivista. Não temos porém duvida em classificar Spencer como adepto da philosophia positiva, apesar mesmo de ter dado a esta uma base subjectiva ou psychologica ao contrario de Comte que lhe dera a base objectiva, pois, como diz Littré, «dos dois lados (inglezes e francezes) a experiencia e a relatividade são a regra, apenas os methodos são oppostos.»

O criterio positivista, o unico que pode conduzir a resultados proveitosos, serios e praticos, inspirou e orientou todos os seus grandes trabalhos, e diremos mesmo, que sem elle Spencer não attingiria o superior ponto de vista synthetico com que abordou seronamento e magistralmente os assumptos os mais importantes, e que lhe deu o renome universal de que goza. O racionalissimo e comprovadissimo principio geral da Evolução mereceu-lhe sempre capital importancia e das respectivas applicações que são mui vastas surgiram quasi todas as suas obras, notando-se «Os Principios de Biologia» e «Os principios de Sociologia» que são na realidade verdadeiros tractados, d'essas duas sciencias, as mais complexas de todas.

Em ambas essas obras se vê como é vasto o seu saber, como é excepcional a sua intelligencia: ha ali capitulos que por si sós seriam sufficientes para constituir uma solida reputação scientifico--philosophica.

Os seus trabalhos sobre moral e educação são tambem obras primas no seu genero, e talvez, a melhor cousa que se haja publicado sobre assumptos de tão palpitante interesse pratico. Um d'elles o que tem por titulo «Educação Moral, Intellectual e phisica» mereceu a honra suprema de ser adoptado nas escolas de França, e a commissão pedagogica nomeada ali em 1884 para organizar catalogos pedagogicos, a precizando-o, diz entre outras cousas o seguinte: «Este livro contém sob uma forma viva e original, o esboço d'uma philosophia da educação: a unidade do pensamento é tão forte n'elle, o conjuncto de ideas tão intimo, que basta approximar certos fragmentos dispersos para constituir um livro digno de ser lido e meditado. O dom dos pensadores é despertarem o pensamento dos demais: Spencer pertence ao numero dos que não se aborçam em vão.»

O seu livro--«Principios de Psychologia», a despeito de considerar esta sciencia como fundamental e portanto independente da Biologia, de accordo com a classificação das

sciencias a que ja nos referimos, é todavia notavel pelos conceitos essencialmente positivistas que encerra como esto que julgamos digno de especial menção, porque, dá a medida do seu criterio extraordinario e porque fere de frente de um modo admiravelmente conciso a magna questão pela qual tanto se tem batalhado e tanto se tem escripto. Eil-o:

«Embora consideremos ordinariamente a vida mental e a vida corporea como distinctas, basta que nos elevemos um pouco acima do ponto de vista vulgar para nos convenceremos de que essas distincções não são mais do que subdivisões da vida em geral e que toda a linha de demarcação que se tire entre ellas, é arbitraria. Para os que persistem, à maneira vulgar, em não contemplar sinão as formas extremas das duas, certamente esta asserção parecerá inacreditavel. Se é certo, porém, que desde o simples acto reflexo pelo qual a criança mama até aos raciocinios complexos do adulto, o progresso se realisa dia a dia por grãos infinitesimales, é certo tambem que entre os actos automaticos dos seres mais degradados e as mais altas acções conscientes da raça humana, pode dispôr-se toda uma serie de actos manifestados pelas diversas tribus do reino animal de forma tal que seja impossivel dizer-se n'um dado momento da serie: aqui começa a intelligencia.»

Depois d'isto a que fica reduzido o animismo, esse pretensio balthro insondavel entre a nossa e as outras especies, esse duenda que tanto tem dado que faser aos theologos e metaphisicos e que tanta gente se obstina em sustentar pelo fatal preconceito anthropocentrico, que nada mais é que um orgulho desmedido da nossa especie a cerrar os olhos à simples evidencia?

Inimigo das luctas politicas, e só amigo de revolucionar pacificamente e austeramente no remanso do seu gabinete, Herbert Spencer a ellas se conservou sempre estranho e e diversas vezes instado por seus compatriotas para acceitar o cargo de deputado, recusou-o sempre, expondo, que no parlamento transviaria a sua actividade que desejava destinar exclusivamente ao triumpho de seus principios, que effectivamente logrou conseguir, só nos restando lamentar que sua preciosa existencia não tivesse sido mais longa para nos proporcionar novos frutos da sua genial capacidade.

Alem das obras a que nos temos referido e que são:

*Equilibrio Social*  
*Classificação das Sciencias*  
*Principios de Biologia*  
*Principios de Sociologia*  
*Educação Moral, intellectual e phisica*  
*Principios de Psychologia,*

Publicou mais as seguintes:  
*Ensaio Scientificos e politicos*  
*Primeiros Principios*  
*Sociologia Descriptiva*  
*Introdução à Sciencia Social*  
*Ensaio de Moral, de Sciencia e de Esthetica*  
*Ensaio sobre o progresso*  
*As bases da moral*  
*O Estudo da Sociologia.*

Ao todo quatorze. Se muitos se lhe avançarem na quantidade, poucos porém, rivalisarão com elle na qualidade.

Em todas essas obras se nos mostra o mesmo cerebro vigoroso, a mesma individualidade possante que tão benefica e perduravel influencia exerceu na mentalidade moderna.

Concluiremos, repetindo com o seu eminente compatriota Stuart Mill:

«É um dos poucos espiritos creadores e mestres que surgem orientando a sua geração no seu rumo grandioso para o progresso que não é um accidente, que não está submettido à vontade do homem, mas que é uma necessidade benefica, que o leva a proseguir no seu destino elevado.»

A evolução é o termo com que se exprime a sua theoria philosophica, hoje de posse das mais lucidos criterios que trabalham no mundo.»

JOAQUIM MANOEL SIMÕES

### Amor do bardo

Nos largos campos da vida  
Vicejam flores a mil,  
Brilham da noite as estrellas  
N'aquelle manto de anil;  
Mas, n'esse prado florente,  
Cuidado, linda innocente,  
Ai, muita flor rescendente  
Veneno occulta subtil!

Mas, entre as flores viceja  
O lyrio de mago olor,  
E brilha no céu a estrella  
Do verdadeiro fulgor!...  
O lyrio só tem perfume,  
Que mil delicias resume...  
Purezas do céu o lume  
Reune ás chammas de amor.

Nos prados, pois, d'esta vida  
Procura o lyrio do val,  
Fictando sempre enlevada  
Do céu o lindo phanal;  
E o lyrio guarda no seio,  
Nas sombras de um doce enleio...  
E contempla sem receio  
O astro celesteal!

E queres achar, oh, virgem,  
Logo a estrella, logo a flor?  
No sacrario de sua alma,  
Ambas tem o trovador!  
Do bardo o genio resplende...  
Seu affecto olôr rescende...  
Ficta o astro que se accende;  
Colhe o lyrio... é o meu amor!

Oh, sim..., escuta! — Prosegni gemendo—  
Recebe a flor!

Quanta fragancia, que ternura immensa.  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Maternos miunos, paternaes desvelos,  
D'anjo o candor...  
Perenne arroyo de celeste effluvio...  
Assim do bardo o fervoroso amor!

Astro que nunca... que ja mais se apaga  
No riso ou dor...  
Quantos enlevos .. que luar sereno...  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

O sol da gloria... illeminando os louros ..  
Quanto fulgor...  
Quantas grinaldas de viçosas palmas  
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Oh, vem! Recebe na tua frente as c'róas  
De tanta flor!  
Luz, harmonia, dedicação acceita  
Nos santos laços de meu puro amor!

Fonte de afagos, de infantil carinho  
Consolador...  
Brisa que embala eternamente um berço...  
Assim do bardo o fervoroso amor!

\* \*

Ella escutara a divagar n'um sonho,  
Talvez em nuvens das regiões ethereas,  
As minhas trovãs .. Muita vez seus olhos  
Eu vi ardentes.. como que bravios.  
Qual da gazella dos dezertos lagos,  
Volverem rapidos... Logo após suaves,  
Qual branda vaga, si o terral não geme  
Na fulva areia de abrigadas praias,  
Si eu, como o vime da procella ao sopro,  
Ou qual infante si o trovão ribomba,  
Estremecia... supplicando treguas!

Imos arcanos! — Coração de virgem,  
Flor da candura, ao despontar d'aurora,  
De q' tens medo? Que terror! Que susto!  
—Mãe desvelada que raivosa investe  
Contra o phantasma que seu filho ameaça,  
E encontra flôcos d'alvazenta nevoa,  
E volve ao pouso desarrando as iras...  
Assim a virgem—da paixão aos cantos,  
Ergue-se e vôa, enraivecida busca  
Defeza á sua angelical pureza...  
Mas, eis, que esbarra na muralha immensa  
Das aureas letras d'uma lei eterna!  
E, pois, já volve de mais brandos affectos...  
Do amor ao laço a soluçar se entrega!

J. GALENO.

## PESTALOZZI

I

(Continuação)

Em outubro de 1767, Pestalozzi foi para Kirchberg, perto de Berne, praticar com o celebre agronomo Tschifeli.

Ali passou elle um anno inteiro, estudando a theoria das diversas culturas e entregando-se com ardor aos mais rudes trabalhos.

Imbuído nas doutrinas de Rousseau, via elle na agricultura a regene-

ração das classes pobre. Aprendel-a-hia em sua maior extensão, em todas as suas partes, ficaria rico e independente do mundo inteiro; poderia então derramar em torno de si a abundância, a felicidade.

O coração tivera grande parte nessa evolução no seu pensamento.

Pestalozzi amava a filha de um de seus amigos, Anna Schultzes, de esmerada educação, formosa e rica.

Para pedil-a, queria primeiro ter uma posição.

N'um ponto foi a natureza cainha de mais para com Pestalozzi; não lhe concedeu nada disso que de ordinario agrada as moças; era muito feio. Além disso, em oxtremo desleixado;

Anna, porem, via de mais alto e dizia: «Tanta nobreza, tanta elevação penetram-me a alma.» E assim aqueles dous corações se entenderam; amaram-se (1)

D'outra feita dizia-lhe Anna:

« Pouco terias que agradecer a natureza, se ella não te tivesse dado esses grandes olhos negros, que revelam a bondade de teu coração e a extensão de teu espirito.»

Começaram a corresponder-se em 1767. Dessa data até 30 de setembro de 1769, conservam-se 300 cartas de Pestalozzi e de Anna mais de 200.

Nessa collecção falta uma carta que se tornou celebre: é a carta em que Pestalozzi propõe a Anna unir sua sorte à d'elle.

Transcrevemos a parte, em que Pestalozzi lealmente lhe aponta os defeitos de seu character, e com lealdade lhe declara que no seu coração as affeições domesticas estariam sempre subordinadas aos deveres para com a patria.

«... Os meus defeitos que me parecem mais importantes para o meu futuro, são a imprevidencia, a imprudencia e a falta de presenca de espirito ante as mudanças inesperadas que me possem sobrevir. Não sei até que ponto poderei diminuir os com os esforços que fizer. Neste momento são ainda taes que não os devo dissimular á mulher a quem amo. Deve pensar bem nesses defeitos, minha querida amiga. Tenho mais outros, provenientes de uma impressionabilidade que recusa submeter-se ao juizo da razão; muitas vezes critico e elogio em excesso, abandono-me a sympathias e antipathias irreflectidas.

... Não tenho precisão de falar-lhe na minha grande e na verdade censurabilissima negligencia de toda etiqueta, e em geral de tudo que em si mesmo não tem importancia, porque isso salta aos olhos...»

... Declaro-lhe com toda a franqueza, minha cara amiga, que hei de considerar sempre os deveres para com a minha esposa subordinados aos deveres para com a mi-

nha patria; embora seja o mais tenro dos maridos, hei de considerar como um dever ficar inexoravel ás lagrimas de minha mulher, se algum dia ella procurar desviar-me do cumprimento de meu dever de cidadão, sejam quaes forem as circunstancias.

... A minha mulher ha de ser a confidente do meu coração; ha de conhecer meus pensamentos mais secretos. Em minha casa reinará uma grande simplicidade: Ainda ha mais a minha vida não correrá sem emprezas importantes e mui perigosas...

Com medo dos homens, nunca me calarei, quando vir que o hem de minha patria me ordena que fale; á minha patria pertence todo meu coração; tudo arriscarei para minorar os soffrimentos e a miseria de meus concidadãos.

... Minha cara amiga, com o coração nas mãos, lhe falei do meu character e de minhas aspirações. Reflecta em tudo isso. Decida agora se pode dar seu coração a um homem que tem taes defeitos e lhe offerece tal futuro, e se com elle pode ser feliz.»

Anna Schultzes respondendo-lhe não se mostra aterrada com as perspectivas que Pestalozzi lhe fazia entrever (2).

Seus paes, porem, oppunham-se ao casamento.

Em 1768, Pestalozzi voltou a Zurich, em procura de meios para realisar um projecto de que esperava resultados enormes.

Queria fazer uma grande plantação de ruiva, planta tinctorial cuja cultura seu mestre Tschifeli, acabava de introduzir na Suissa.

Por intermedio de um de seus amigos obteve que um banqueiro se associasse com elle, entrando com 15000 florins.

Perto de Birr, na Argovia, Pestalozzi comprou um terreno para suas culturas, e, em quanto construia uma casa, foi instalar-se n'uma aldeia proxima.

Os paes de Anna Schultzes cederam emfim aos empenhos dos amigos, de Pestalozzi, e consentiram em dar-lhe a filha. Anna não teve dote; mandaram-lhe apenas a roupa e o piano.

Ao sahir ella de casa, disse-lhe a mãe:

—Vae, tu har ser obrigada a te contentares de pão e agua.

O casamento effectuou-se no dia 30 de setembro de 1769.

Pestalozzi tinha 23 annos de idade; Anna, 30.

J. DE BACELLOS.

### Antonia e Alice

Eram duas irmãs, Antonia e a meiga Alice,  
Duas flores mimosas cheias de meiguice

E cheias de ternura:

Alice, a virgem bella e Antonia a virgem pura,  
Habitavam no campo e eram como as rosas,  
Cheias de phantasia, ingenuas e formosas  
Como meigas crianças.

E a casa d'ellas era um ninho d'esperanças.

N'uma tarde de abril

Soprava mansamente a viração subtil.  
Estavam no jardim as duas virgens bellas,  
Alegres como o ceo, risonhas como estrellas.

Disse a loira Alice: "Antonia, estás formosa  
Como eu nunca te vi: és a mais bella rosa  
Que brilha no jardim. Já sei: é esperado  
Que seja mesmo Roberto, o teu Roberto amado.  
É bom quando se espera aquelle a quem se adora,  
Fica-se mais formosa. E ao passo que se chora  
No momento em que parte, sente-se mais vida  
Quando é esperado.--"

Antonia enternecida

Respondeu-lhe a sorrir, mas triste dentro d'alma,  
Como quem a esperar se acha a triste palma  
Da dor e da afflicção:---"Enganas, minha Alice.  
Tudo isso te vem da eterna meninice  
Que acompanha os teus dias calmos, venturosos.  
Eu sinto até que vem cruel se approximando  
Uma terrivel dor. Eu sei qu' é esperado  
Hoje mesmo Roberto, e meu Roberto amado;  
Mas (não sei qual a causa) sinto uma tristeza,  
Uma tristeza tal, que até..."---

Essa tua; formosa Antonia idolatrada!

Pois desde a madrugada,

Desde qu'eu accordei que penso na alegria  
Que deves ter, Antonia. Eu sei que sentiria  
Um mui grande prazer se como tu tivesse  
De ver assim de volta o meu amor. Parece  
Que eu havia de achar encanto em cada rosa,  
Em cada verde folha, em cada flor mimosa,  
E até nestas pedrinhas lindas que pisamos,  
Bem como nestas nuvens bellas que avistamos  
Alem por sobre os ceos...Mas ai! queres chorar?  
Parece que em teu rosto eu vejo deslizar  
Amargurado pranto?... Oh ceos! que soffrimento  
É o teu, oh Antonia? Qual o teu tormento?  
Porque choras assim?---

---"Escuta, minha irmã,

Responde-lhe a bella Antonia, eu tive esta manhã,  
Um sonho mui cruel: sonhei que o meu Roberto  
Estava n'ra chegar, estava já mui perto;  
Mas que no mesmo instante em que o avistava  
Fulgurante de amor, terrivel disparava  
A bala atroz cruel de um fero caçador,  
E o deitava por terra: e eu vi cheio de dor,  
Aqui frio gemendo e todo ensanguentado,  
Nos meus braços Roberto, o meu Roberto amado.'

"Antonia, e acreditas  
Em phantasticas desditas

Fillas de sonhos vãos? E chamar-me creança,  
Tu que choras assim, assim quando a esperança  
Fagueira nos surri!"

"Ah! minha boa Alice,  
Então mais consolada a meiga Antonia disse,  
Como sabes ser boa! Eu sinto não poder  
Surrir como surris".

"Ja vejo apparecer

"Um vulto alem. Não vês? Talvez seja Roberto."

"Tambem eu vejo: é certo

Que alguém vem para cá. Oh que praser sem fim  
Teria, minha Alice, ao vel-o junto a mim,  
Aqui livre da morte!"

"Espera: ja vem perto."

"Mas ai! bondosa Alice, vê, não é Roberto  
E um outro mancebo."

"Esfraca entre as mulheres!..."

Mas não chores, assim Antonia, que me feres,  
Que me feres, irmã com teu pranto sentido!  
Que importa que não seja o teu estremeado  
Roberto este mancebo?"

E logo vem chegando

Um moço que inda está nos seus olhos mostrando  
Que chorou e que teve uma profunda dor  
"—Que noticia trazeis, que nos dizeis, senhor,  
De Roberto?"—pergunta logo a loira Alice.  
E o moço respondendo amargamente disse:  
"—Morreu."

Não ha quem possa a dor representar  
D'aquelles corações! A escuridão do mar  
Tem menos profundeza; e a negra tempestade  
que faz revoltar o ceo e escura a immensidade,  
Não faria o terror d'esta expressão -morreu  
Naquellas pobres moças. Logo as envolveu  
Uma nuvem sombria em trevas pavorosas.  
Alice se defeze em queixas dolorosas,  
Em amargos gemidos  
E Antonia sem sentidos  
Tombou, caiu no chão.

Depois quando voltaram

Deste sonho cruel chorosas escutaram  
O mancebo que ali mui triste lhes narrava  
A morte de Roberto, E o misero se achava  
Cheio de angustia e dor. Depois quasi em lamentos  
Chorando accrescentou: "Nos mais cruéis momentos  
Da dor e da afflicção na mais cruel insomnia,  
O pobre murmurou esta palavra--Antonia--  
Emorreu"---

Foi a dor das miseras donzellas  
Terrivel. Nunca mais um so praser p'ra ellas  
Pode haver. Logo Alice, a bella creatura,  
E Antonia, a formosa e meiga virgem pura,  
Só fariam chorar.

Vinha as tardes Antonia as vezes se sentar  
No jardim, tendo a alma envolta em negros veus  
Buscando pelos ceus  
Se via fulgurar alguma vaporosa  
Nuvem branca ideal tornado luminosa  
Pela luz de alguma estrella.

Suppunha Antonia bella  
Que podesse assim ver de seu misero amante  
A alma transformada em raio deslumbrante  
De alguma branca e pura estrella transparente,  
Mas ai da desgraçada e misera innocente!

Embalde procurava

Uma luz, e uma luz (ai della! não achava;  
Nem brilhava no ceo nenhuma branca estrella  
Que'em sua grande afflicção viesse illuminar-a

E vinha a loira Alice então p'ra consolal-a  
Sentar-se ao lado d'ella.

R. FARIAS BUETTO

## O povo à realza

## O JUBILEU DA RAINHA VICTORIA

A patria de Robert Peel e Beaconsfield, de Gladstone e Salisbury, solemnisa á esta hora, festivamente, ruidosamente uma grande data da sua historia.

Faz hoje precisamente 50 annos que ascendeu ao throno da Grã-Bretanha, contando apenas 14 primaveras, a graciosa filha do principe Eduardo, duque de Kent,—acclamada successora de Guilherme IV. E depois de meio seculo de governo os inglezes de todos os cantos do mundo saudam a feliz imperante em nome do coração britânico—agradecido!

São, porém, explicaveis e honrosas estas homenagens do povo á realza no ultimo quartel do seculo de Castellar e Victor Hugo.

A Inglaterra--no meio das nações civilisadas--não é simplesmente uma grande potencia politica. "Veneravel pelas altas tradições litterarias do cyclo Shakspeareano, pela obra scientifica dos seus grandes sabios do seculo XVII, como Bacon e Newton, e bem assim pela sua precedencia sobre todos os povos occidentaes na conquista e na systematisação constitucional dos direitos e liberdades modernas", ella continua a honrar e a illuminar seu passado, offerecendo á admiração universal quadros brilhantes de aperfeiçoamento e progresso em todas as manifestações da actividade humana.

Sob o ponto de vista philosophico e scientifico ahi estão para immortalisar-a os nomes de Lock, Berkeley, Hume, Reid, Mill, Bain, Maudslay, Spencer, Morell e outros. Na politica a Inglaterra foi e continúa a ser, ao lado da Belgica, o paiz classico do parlamentarismo, e agora mesmo fulguram, como astros de luz inextinguivel--as glorias dos velhos estadistas de elite nos nomes de Gladstone e Salisbury--chefes das duas escolas politicas.

Na industria e no commercio, duas grandes forças do progresso moderno, quem se lembra de disputar á patria do ouro o primeiro lugar em meio das nações europeas?!

Na litteratura mesmo, a Inglaterra pode se orgulhar de perpetuar a alma de Byron e Shakspeare nas producções dos seus grandes poetas e criticos hodiernos.

Quanto á arte, na primeira metade do seculo XIX a Inglaterra era geralmente considerada na Europa como o paiz absolutamente anti-artístico, como o paiz inesthetico por excellencia. Ella mesma chegou a reconhecer a justiça da accusação. Por isso estabeleceu o Kensington-Museum, «a mais importante escola d'arte que hoje existe no mundo e sobre a qual se moldaram os grandes institutos modernos de Vienna, de Berlim e de outras cidades da Europa.» De modo que pode-se affir-

mar, que a Inglaterra «creou os seus artistas industriaes por um simples acto do saber administrativo, empregando para conseguil-o methodos que são a mais bella, a mais pura, a mais indiscutivel gloria da moderna intelligencia ingleza.»

E em toda essa immensa luta pelo progresso e pela civilisação, alem das razões ethnicas e puramente mesologicas, que podem ser apresentadas, ha uma causa exterior, perfeitamente demonstravel, como factor do notavel adiantamento inglez--a politica sabia e previdente da grande nacionalidade.

Pode-se reconhecer com Henry Thomas Buckle ou com o seu immediato, o dilettante Draper, que a soberana da Inglaterra, a despeito de tudo, está sujeita á grande lei dirigente de todos os reis, estadistas e legisladores, que não passam de titeres movidos pelo espirito de seu tempo. Mas, ainda proclamado, como verdade indiscutivel, o principio exposto pelo autor da «History of the civilization in England», a experiencia de muitos annos e o conhecimento aprofundado dos factos convence, de que a Rainha Victoria tem sido e continua a ser, sinão a unica, pelo menos uma grande força historica do desenvolvimento britannico.

D'ahi o amor que lhe consagram os seus subditos. D'ahi essa explosão de patriotismo com que ella é saudada em pleno baptismo de luz da civilisação europea!

E a este respeito um argumento basta para deixar em relevo a benefica influencia da actual imperante no desenvolvimento historico e social do povo inglez.

Em que paiz do mundo, afóra a Inglaterra, o systema constitucional, padecendo de tantos vicios de origem, ha produzido eguaes e tão brilhantes resultados? E' difficilissimo affirmal-o

Pode-se objectar-nos dizendo ser isto devido mais ás condições ineraes, economicas e ethnologicas, do povo que adoptou tal forma de governo, do que a *son métier de reine* da Imperatriz das Indias.

Pode-se ainda dizer com Theophilo Braga, o espirito mais erudito da actual geração portugueza, que «a Inglaterra, constituída por tesses dois ramos da mesma raça o *saxão* e o *normando*, o primeiro correspondendo pelo seu numero, pela sua pobreza, pelo trabalho ao que se chama —povo,— e o segundo pelas tradições, pela posse da terra e pela inercia opulenta ao que se chama —aristocracia.— tira da fatalidade d'este encontro o systema de equilibrio que é a essencia do seu governo.

Mas, ain ta depois d'estas explicações, que não estamos longe de acceitar, e applicados os principios da sciencia á politica ingleza, é res-

peitavel e digno o culto que a patria de Cromwel tributa n'este crepusculo do seculo á excelsa soberana da Inglaterra, Escossia, Irlanda e possessões das Indias.

Affirma Buckle, que o intellecto e a sentimentalidade de uma nação exigem, para brotar, para desabrochar em flor, o *substratum* das condições de bem estar, fornecidas pela riqueza.

E a riqueza, como todas as condições de adiantamento e progresso da nacionalidade britannica, é o resultado immediato ou remoto, da politica real, profundamente inspirada nos avanços da opinião e nos sonhos cor de rosa da gloria e da immortalidade.

E só assim podemos comprehender esta orchestração de applausos com que é victoriada no feliz anniversario do seu governo a augusta soberana.

Uma cousa apenas ha para lamentar—não poderemos imitar os subditos britannicos, saudando, com a alma de joelhos, a aurora do reinado, que tomou a *son métier de roi* a felicidade do Brazil!

Fortaleza, 20 de junho de 1887.

J. DE SERPA.

## Historia natural

A' JOÃO ALBANO

## AS DONZELLINHAS

Passeavamos no campo á margem de um lago.

Alguns nimbus no horisonte coravam-se de rosa, dos mesmos tons que os cumulos crepusculares, que assistiam o pôr do sol.

Uma brisa branda, suave vinha do oriente, etão branda que passando sobre o lago a face das aguas se conservava liza e tranquilla; beijando as sensitivas que cresciam nas bordas do caminho, nem sequer ao foliolo mais sensivel impressionava o osculo!

Parámos insensivelmente e nos voltámos para o occidente. O drama do ocaso havia terminado. Alem, no horisonte, a athmosphera reflectia ainda os pallidos raios do sol, que descia a esconder-se atraz da esphera terrestre, e os insectos como conscientes de sua curta existencia voavam ainda avaros da luz, que cada vez mais se amortecia. Tudo se preparava para receber a noite, para descansar.

Voltámos ao lago, ao caminho a minha companheira disse-me:

—Já a sensitiva recolhe-se, fecha as folhas e vae dormir, e as donzellinhas ainda voltejam sobre as aguas! Aproveitam até o ultimo raio da luz crepuscular! No vôo rapido fendem com a ponta da aza a agua como as

andorinhas. Divertem-se muito, não é assim?

--Não, fazem pela vida. Caçam e entregam ás aguas o fructo de seus amores.

--Caçam! e ellas não vivem como as borboletas do mel das flores?

--Não sabes a historia d'estes insectos. Si conhecesse melhor a *Entomologia*, parte da Historia Natural que os estuda, saberias que as *donzellinhas* ou *libellinhas* são insectos *nevropterus* carnivoros.

--Pois são carnivoros?!?

--Sim. Estes gentis insectos, com suas quatro azas, finas como gaze, com ostons do arco iris, olhos esphericos, grandes e verdes, que te parece até viverem uma vida innocente de borbuleta são animaes de preza São inimigos da borboleta. Perseguem-na todas as vezes que encontram-na, e à rapidez do vôo dá-lhe victoria. Uma vez de posse do dourado *lepidoptero* com uma ferocidade de tigre estrangulam-no. Inerme não resiste. Apenas tem orgãos para a fuga e não para a luta. A *donzellinha* que a teus olhos parecia imbelte tem fortes armas de defesa. Sua bocca é armada de mandibulas, peças resistentes e moveis, que cortariam os nossos tecidos como uma lamina de ferro amolada. E como lhe resistiria a borboleta, cuja bocca a natureza apenas formou para sugar o mel das flores! Em vez de mandibulas apenas um fio tenue enrolado em espiral, chamado *trumba*. Suas azas cobertas de escamas avelludadas e furta-cores torna mais vagaroso o vôo, que, na *donzellinha* a estrutura e disposição das azas permitem ser mais rapido. A natureza fez a carnivora e portanto deu-lhe armas de perseguir a preza. Para que o vôo fosse mais veloz, podesse ella alcançar os insectos que tivesse de dar caça, deu-lhe mais ao organisino uma vezicula cheia de ar, analoga á bexiga natatoria dos peixes, para que o corpo ficando mais leve as azas levassem-no com menos esforço. Assim a *donzellinha* que te parecia inoffensiva, é no meio em que vive, para os insectos inermes, o mesmo que o nosso jaguar para a maior parte dos mamiferos. Vê com que rapidez ella apanha a mosca e a estrangula! E' de uma gula e ferocidade inauditas!

--E porque ellas gostam tanto dos lagos? Em terra não encontrariam mais insectos á caçar?

--E' que só ás aguas podem ser confiados os germens que mais tarde perpetuarão a especie. Vê, ellas voltejam doudamente a superficie do lago, de quando em vez fendem a agua, não como suppunhas, com a aza, mas com a extremidade do seu cumprido e delgado abdomen. Cada vez que tocam no elemento liquido um ovo cahe, desprende-se d'ellas o embrião, que desaparece nas aguas, e que mais tarde virá á superficie d'ellas, não como desprezível larva,

mas como insecto perfeito: alado voará para o espaço. O embrião desenvolve-se e pouco tempo depois do pequeno corpo espherico sahe um ser ainda incompleto, mas alguma coisa semelhante aos seus progenitores. E' a primeira metamorphose da «*donzellinha*» no periodo de larva.

--E quem cuida de sua primeira infancia? Quem a alimenta? como respira?

--A Natureza dispoz tudo com uma harmonia sublime! A mão que sustenta os astros nos espaços cuida dos filhos das «*donzellinhas*». Ella não deu leis somente ao que é grande, palpavel, occupou-se tambem do infinitamente pequeno, daquillo que não podes ver sem o microscopio. Tu supões immensa a fauna visivel, a fauna invisivel é muito maior. Involvida ou embuçada em seu manto larvatico com seus pares de patas, dois pares de azas e um par de antenas, immoveis e sem uzo, apenas obedecendo ás leis fataes do atavismo, movendo-se vagarosa ella dá caça, como carnivora que é, a pequeninos molluscos e peixes. O seu aparelho respiratorio identico ao dos animaes aquaticos, *branchias* ou *guelras* como se conhecem vulgarmente permite-lhe viver sob agua, da qual tira o ar que tem em dissolução para as necessidades da vida. Atacada, defende-se de um modo interessante, sem azas que possa auxiliar-na na luta, ou outros orgãos de locomoção rapida, atira sobre o inimigo a agua que tem no intestino de um modo brusco, violento. O periodo larvatico dura mezes. Aproxima-se a segunda metamorphose; as *branchias* vão se atrophiando aos poucos e desenvolvendo-se outros orgams respiratorios, que mais tarde funcionarão garantindo a vida ao animal no meio aereo em q' irá viver. Chega a epoca da idade adulta, a vida torna-se impossivel no meio em que vivia a larva, as *guelras* desapareceram e em seu lugar desenvolveram-se pequenos tubos chamados *tracheas*, que se abrem á superficie do corpo por aberturas chamadas *estygmas*. A larva arrasta-se então á superficie das aguas, agarra-se a uma planta, a uma rocha e aquece-se ao sol, ao hemfesejo sol que veio libertal-a de uma prisão de tantos mezes! O calor cresta, fende a membrana que envolvia o insecto, o ar penetra nas *tracheas*, enche as veziculas, e a «*donzellinha*», como resuscitando d'aquella morte apparente expande as azas e volteja doudamente como estás vendo.

--E depois?

--Vive, se reproduz e morre.

Voltamos á casa, já a noite começava a involver tudo em seu manto negro.

Alto da Bonança--Junho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

## Exterioridades

Refere alguém que existe no Mar-  
(morto)  
Um bello fructo do doirada cor;  
E quem o colhe sente um descon-  
[forte]  
E o repelle do si com asco e horror.

E' que esse loiro, setinoso pomo,  
Do caminheiro erante—tentação,  
Em vez de doce saboroso gomme  
So tem dentro de si a podridão.

Ha muita gente assim como o doirado  
Lindo pomo das margens do As-  
(phalita :  
O rosto d'anjo, o corpo bem formado,  
A alma de lodo e podridão mal-  
(dicta.

MARTINHO RODRIGUES.

## A Carnaúba

A palavra *carnauba* é indigena, quer dizer litteralmente—arvore que arranha; da contracção de *caranhe* arranhar, e *uba* arvore; porque esta palmeira, quando pequena, conserva em derredor do tronco porção enorme de talos com duros e abundantes espinhos, que a tornam inaccessible; d'onde veio ao povo chamal-a, quando nova, *cuandú*, animalejo, especie de porco espinho, que se assanha todo a quem se lhe aproxima, apontando os espinhos, com que tambem se torna inaccessible.

Por aqui se vê que erram Caldas Auletto no seu «*Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza*» e outros, quando escrevem—*carnaubeira*—que, decomposta, vem a significar—arvore da arvore que arranha; porque no portuguez a terminação---eira, junta aos nomes de fructos, se traduz por arvore. Exemplos: cajá, fructo, cajaseira, arvore da cajá, e outros muitos.

E' uma palmeira preciosissima, de prestimo espantoso.

O Dr. Marcos Antonio de Macedo, em uma interessante «*Memoria*» que publicou em Stuttgart, n'Allemanha, prova com uma estampa que della e com ella somente se pode fazer uma casa completa para vivenda.

De feito, o tronco ministra as madeiras principaes, esteios e outros materiaes de construcção civil e de mercenaria, assim como optimas estacas para cercas divisorias, as quaes enterradas em terrenos banhados pela agua salgada chegam a petrificar; os talos ou nervuras das folhas servem de caibros, e estas de telhas, e as cascas de cordas. (Vid. Milliet, «*Dic. Geog.*», verbo «*Ceará*»)

Talvez não se encontro em nenhuma região arvore que se applique a tantos e variados usos; donde veio

entre nós o nome de *carnaúba* ao politico que presta-se à todas as politicas.

Resiste à intensas seccas, conservando-se constantemente viçosa.

As raizes produzem os mesmos effeitos medicinaes que a salsaparilha

Do tronco obtem-se fibras rijas e leves que adquirem o mais lindo brilho. Do palmito que, quando novo, serve de alimento apreciado e muito nutritivo, faz-se vinho, vinagre, uma substancia saccharina, e tambem grande quantidade de gomme parecida com o sagú, cujas propriedades e gosto possui.

Tem muitas vezes servido de sustento aos habitantes em occasiões de excessivas seccas. O povo, diz R. Southey, faz da madeira uma farinha, e desta prepara uma massa, azeda e repugnante ao paladar de um estrangeiro, mas capaz de entreter a vida. («Hist. do Braz., Vol. 6º, pag. 416»)

Da madeira do tronco fabricam-se instrumentos de musica, tubos e bombas para agua

A substancia tenra e fibrosa do amago do talo e das folhas substitue perfeitamente a cortiça. A polpa do fructo é de agradável sabor e a amendoa, assás oleosa e nutritiva, é, depois de torrada e reduzida a pó, usada como café pela pobreza.

Do tronco extrae-se ainda uma especie de «maizena», e um liquido bastante alvo, igual ao que produz o côco da Bahia.

Das folhas seccas fazem-se esteiras, chapéus, cestos e vassouras, do que já se exporta porção para a Europa, onde é empregada no fabrico de chapéus finos, que em parte voltam para o Brazil, calculando-se em cerca de mil contos o valor de sua exportação e a da que é aproveitada na industria nacional.

Suas folhas produzem cera applicada ao fabrico de velas, que tem extenso consumo nas provincias do norte (1), principalmente nesta, onde já é ramo importante de commercio.

Fazemos tambem das folhas seccas urús, abanos, e dos talos gaiólas, girãos, camas (catres), portas de choupanas, capoeiras de gallinhas e brinquedos para crianças, (enfeitados com giriquiti).

Do fructo verde ainda faz-se tambem o *moncusá*, que é comida soffivel e sadia.

Parece que Deus, por abençoar tão utilissima planta, deu-lhe a estampa precisa e perfeita da «Gostodia» em que se guarda a sagrada brina. Nada mais parecido.

(1) Vid. «Exposição Universal do Brazil em Vienna d'Austria, 1873», Pag. 38. Este importantissimo trabalho é attribuido ao Visconde do Bom-Retiro, colaborado pelo imperador.

\* Seu nome mais conhecido na sciencia é—«Copernicia—cerafica; mas tambem o é pelo de «Arrodria—cerafica», do nome do nosso naturalista Arruda Camara, o primeiro que ensinou o processo de extrahir-lhe a cera.

É de uma duração secular, presume-se que leve mais de 200 annos para chegar a seu completo desenvolvimento.

Um dia, diz Pompeo, quando os poderes sociaes cuidarem serriamente de seus interesses, se lembrarão tarde de pôr cobro à destruição de uma arvore, que é uma verdadeira riqueza. («Ens. Est, Tom 1.º Pag. » 170, Nota 1.ª )

Este dia já parecia ter chegado antes muito do distincto cearense ter escrito seu importante trabalho em 1863; pois a lei provincial n.º 543 de 20 de Outubro de 1851, artigo unico, prohibia em toda a Provincia o corte de carnaúba, sob pena de 4\$ de multa ou de 15 dias de prisão, por cada uma que se derrubasse.

Agora um verdadeiro phenomimo, que ha de causar surpresa à muita gente como causou a nós

O Dr. João Alfredo da Costa, no seu livro «Excursão pelos dominios da Ontologia» («Estudos e Observações sobre as formigas»), Cap. IV, Pag. 66, Nota 7, escreve sob sua palavra:

« Encontrei no municipio de Ociras uma lindissima carnaubeira, que compunha-se de oito galhos, graciosamente despostos, o que é uma verdadeira raridade, uma bem pronunciada nomalia; porque tem uma haste, que prende urna extremidade ao solo, erguendo para o espaço a outra, que expande-se em festões de palmas viridentes.»

Carnaúba chamou-se tambem uma tribu, que vagava entre os Rios Salgado e Jaguaribe, dominando a ribeira do rio «Bartões e do outro rio que della tomou o nome. (Araripe, «Hist do Ceara, Pag. 15»)

É ainda nome de um riacho no municipio de S. Quiteria, que despepa no rio Macaco (Pompeo, «Dic. Top» )

PAULINO NOGUEIRA.



## NENÊ

### I

Era um mimo.

A gente contemplando aquella linda e exquisita creaturinha, tinha desejos de agarral-a, apertal-a contra o peito e de beijal-a muitas vezes. Isto faria sem duvida corar muito e rir a boa da mãe, que admiraria a pudicicia precoce da filhinha querida.

A Nenê era de uma belleza seductora. Eu as vezes contemplando-lhe os grandes olhos negros, muito

negros e cheios de muita luz, notava na expressão daquelle olhar um quê de bello selvagem, de perigoso, que, dizia de mim para mim, que a Nenê havia de ser uma moça bella de metter medo.

Ao ver-se aquelles cabellos louros tão louros como deviam ser os cabellos dos cherubins; ao ver-se aquelles labiosinhos grossos e escarlates, onde pairava sempre nm sorriso incredulo e feiticeiro; ao ver-se seu rostosinho muito sanguineo e as ondulações suaves das suas formas de uma perfeita correção, e de um desenvolvimento precoce; a gente não podia deixar de admirar aquella menina, cuja intelligencia excepcional, fazia temer pelo seu futuro.

E a Nenê contava apenas oito annos. Muito bella mesmo que era, formava o encanto dos paes que satisfaziam-lhe todos os seus caprichos. As vezes, si a mãe queria reagir contra a sua prepotencia, contra o seu mando—que ia se tornando despotico—e negava satisfazer os seus desejos quasi sempre absurdos; a Nenê irritava-se, assanhava os cabellos, rasgava os vestidos e terminava sempre essas scenas de *selvageria infantil* deixando cahirem dos lindos olhos duas lagrimas formosas que desnorteava completamente a pobre da D. Amelia, e commoviam-n'a por tal forma, que esta acabava sempre beijando a filhinha, alem de satisfazer-lhe os desejos insensatos.

E a menina já conhecia o lado fraco de sua mãe; de forma que toda vez que se via contrariada, protestava representando a comedia das lagrimas, que commoviam tanto a sua mãe.

Dotada de um temperamento sanguineo, a Nenê levava em casa uma vida laboriosa. Todos os dias ella desarrumava muitas vezes as cadeiras, espanava-as com o resto da mobilia, aguava as suas flores, plantava, arrancava e mudava outras, não esquecendo-se do espelho, onde mirava-se mais de vinte vezes no dia, ora fazendo *pastinhas* no cabello, ora mordendo os beiços para ficarem mais encarnados, ora finalmente collocando uma roza no seu seio ainda em embryão.

Uma vez sua mãe esteve a contemplar-lhe seguramente uma hora. A Nenê achava-se defronte do espelho. Depois de ter feito as interessantes *pastinhas* na testa, de ter posto pós de arroz no rosto e de ter sufficientemente mordido os beiços que estavam quasi a botar sangue, tratou de collocar uma rosa no collo.

A D. Amelia não poude conter o riso; achou que aquillo era ingenuidade da filha e então perguntou-lhe o que desejava fazer.

—Estou trabalhando para collocar esta rosa no collo, mas o diabo não me assenta como na Yayá do Amaral... Não sei porque...

--Não, filhinha; fica-te tão bonita quanto na Yayá... Até mais linda em

ti do que nella.

—Não fica. Pois eu serei cega? Na Yayá assenta mais do que em mim, por isto eu não hoto mais este diabo.

Edizendo isto a Nenê despedaçou entre os dedos a pobresinha da flor.

E a mãe tornou a rir da ingenuidade da Nenê, e do seu genio exquisito e irritado.

Entretanto aquella menina podia pensar melhor. Tendo oito annos não brincava com bonecas; perguntava-se-lhe a razão e ella dizia:—E' uma cousa estúpida! E' uma cousa estúpida era tambem aprender-se a ler, porque a Nenê com oito annos nunca tinha ido á escola, não conhecia sequer o alphabeto.

As vezes, ella querendo empollar perante os criados, pegeva em um jornal e começava a bater baixinho com os beiços...

Fazia que estava lendo; mas no fim de contas ia se ver o jornal e a Nenê era tão ignorante, tão brutinha que o tinha nas mãos com a cabeça para baixo!

Uma vez sua mãe estava na sala conversando com a Yayá do Amaral e com um moço que tinha ido apresentar uma carta de recommendação á seu marido, quando a Nenê entrou do jardim com uma rosa no collo. Vendo a Yayá, depois de tel-a beijado, e tendo observado que a moça estava tambem com uma rosa no seio, olhou para a mãe e disse:

--Olhe mamãe; eu não disse que as rugas assentavam mais no seio da Yayá do que no meu?

—Disse, filhinha; respondeu a mãe.

—Pois bem; eu já descobri a razão; é que a Yayá tem uns peitinhos muito bonitos e eu ainda não os tenho! Diabo! tomara já ter peitos para as flores me ficarem melhor.

A Yayá ouvindo aquillo não fez senão ficar encarnada como uma lagosta. O moço virou o rosto para a rua, afim de conter o riso, e a mãe da Nenê apesar de um pouco encastrada ainda uma vez riu-se da ingenuidade da sua tolinha Nenê.

ANTONIO OLYMPIO.

## ANNUNCIOS

### Pharmacia Albano

GRANDE DEPOSITO  
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e carteeiras. Receitas a qualquer hora. Pocos modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

CEARA'

# LOTERIAS CEARENSES

## GARANTIDAS

### NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transigencia. Bilhetes á venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

## Thesouraria das Loterias.

# LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.<sup>as</sup> Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

Notre-Dame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES  
RUA DA BOA-VISTA N. 48

Este estabelecimento se achamontado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim offerecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de luxo, chapéus e tecidos, novidades.

Enxovas para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.  
Ceará.

## COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas modernas, chapéus, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza

86-A Rua do Major Facundo

## ALFATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

## J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

**Joalheria. Relogios**  
de todos os generos

Compram sempre ouro velho e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

## CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para

**Uso domestico**

Louças, vidros, mobílias etc Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

**ARTIGOS PARA JOGOS**

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

## GUILHERME ROCHA & C.<sup>a</sup>

Pharmacia



Pharmacia

RUA FORMOZA N.º 71.